

Tecnologias sociais na comunidade: desafios do desenvolvimento local e da comunicação frente ao processo de globalização ¹

Anderson Antonio ANDREATA ²

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ

Resumo

O desafio de promover o desenvolvimento local sem perder conexão com o mundo global implica respeitar os limites que a globalização impõe, produzindo conhecimento por meio de tecnologias que possam ser disseminadas pela e para as comunidades, com objetivo de gerar renda, desenvolvimento e troca de saberes. Esse é o modelo de mundo em que o fenômeno da comunicação, na sua dinâmica, permite que as ideias se disseminem e boas práticas sejam reaplicadas para o melhor desenvolvimento das comunidades. É com esse objetivo que esse artigo traz a discussão sobre os desafios e as dificuldades de se trabalhar de forma coletiva as tecnologias sociais para o bem comum, trazendo exemplo realizado no município de Foz do Iguaçu (PR). Porém, será discutido aqui sob a perspectiva dos processos de comunicação como elemento aglutinador e impulsionador de boas iniciativas para o desenvolvimento local.

Palavras-chave: Economia criativa; tecnologias sociais; desenvolvimento local; troca de saberes; comunicação participativa

Introdução

O 10Caminhos é um projeto que nasceu a partir de uma iniciativa de pesquisa e extensão de uma universidade federal em Foz do Iguaçu (PR), para promover ocupação e renda para a comunidade local, e que ganhou reconhecimento no município e na região fronteiriça ao ser incluído no Banco de Tecnologias Sociais da Fundação Banco do Brasil em 2017. A iniciativa trata, portanto, de um caminho emergente e necessário que nasce no seio das comunidades para promover o seu desenvolvimento, além de incentivar o conceito e relações de cidadania, troca de saberes e produção de renda, por meio de tecnologias sociais.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (UFF), especialista em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e jornalista vinculado à Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: anderson.andreata@gmail.com

A Fundação Banco do Brasil, patrocinadora da iniciativa de seleção de novos projetos que estejam alinhados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), define tecnologias sociais, em seu site institucional, como “produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade que representem efetivas soluções de transformação social”.

Para entender melhor o projeto 10Caminhos e seus avanços e realizações na comunidade, busquei aqui diálogo com autores que discutem a respeito de temas pertinentes, especialmente sob o ponto de vista da comunicação e dos processos de globalização e sua relação com a dimensão local, para então tratar das possíveis convergências e a importância da mobilização social no contexto das tecnologias sociais.

Ao final, buscar compreender como um projeto de economia criativa consegue mudar os caminhos naturais do cenário local, neste caso com as interferências dos negócios da região fronteira com o Paraguai e a Argentina, para alcançar um objetivo mais amplo, que é encontrar novos caminhos para a comunidade e promover seu desenvolvimento.

A fim de delinear o primeiro cenário deste estudo, é importante ressaltar a ideia de Muniz Sodré (2014) quando diz que estamos em período de transição de um modelo informacional, saindo do cenário típico da radiodifusão – que foi o modelo dominante por décadas sustentando como característica a comunicação unidirecional – para o de um ambiente mais participativo, onde o homem comum, além de consumidor de informações no seu cotidiano, é também produtor de conteúdo e age de forma a influenciar o seu meio, utilizando-se da comunicação.

Então, ele parte do ponto de vista que o homem passa a não ser visto mais como um ser isolado, mas, no meio social, começa a desenvolver influência ao seu redor, o que autor denomina de “bios virtual” ou “bios midiático”. Introduzo aqui um conceito relacionado à comunicação para depois entrar em outros mais adiante, como a cultura da colaboração e a de comunidades em rede que fortalecem o estabelecimento de práticas coletivas.

O mesmo autor também define o “comum” – um termo que volta a aparecer oportunamente neste artigo – a partir da esfera pública e seu espaço de comunicação de acordo com os contextos vivenciados pelo homem por meio da tecnologia. Na sua concepção, sugere que estamos passando da interação (contato humano interpessoal) à interatividade (o “contato” humano mediado pela tecnologia).

Nesse recente cenário de convergência e ambiente que privilegia o coletivo, Martín-Barbero (2010) também sugere um novo modelo de comunicabilidade em que estamos passando pela renovação do unidirecional, linear e autoritário paradigma da transmissão de informação, ao modelo de rede, isto é, a de conectividade e interação.

É nesse contexto de transição e de constantes trocas de informações que iniciativas como as tecnologias sociais ganham força no ambiente comunitário. Nascem de experiências práticas e geralmente simples, de baixo custo, tornando-se viáveis principalmente quando conseguem atingir o seu objetivo de trabalhar de forma mais horizontal, valorizando a participação de todos que estão envolvidos.

Na maioria das vezes são ideias de baixa complexidade e de alto impacto na sociedade, com possibilidades reais de implementação no contexto social. De acordo com Lassance e Pedreira (2014), as tecnologias sociais são um conjunto de técnicas e procedimentos, associados a formas de organização coletiva, que representam soluções para a inclusão social e a melhoria de qualidade de vida.

Mas para serem colocadas em prática é necessário que elas passem por alguns estágios que venham a legitimá-las: a convicção dos dirigentes políticos, a disposição da burocracia do sistema vigente, o desenvolvimento na academia científica e, por fim, a adesão dos movimentos populares, para tornarem-se possíveis (LASSANCE; PEDREIRA, 2014). Todos esses estágios irão fortalecer para que essas iniciativas sejam aplicadas e disseminadas, levando-se em conta de que o maior desafio é que sejam trabalhadas em rede, de forma conectada.

Porém, as tecnologias sociais geralmente têm dimensão local, o que traz dificuldade para que sejam vistas em termos de um projeto nacional e de forte engajamento social. Reforçando que no caso do 10Caminhos, o projeto já conta com o envolvimento da academia científica (como projeto de pesquisa e extensão) e a adesão e legitimação da comunidade, e nesse momento está buscando apoio em instâncias políticas e econômicas que possam dar mais sustentabilidade à experiência comunitária. Também, a partir do momento em que tem reconhecimento ao ser incluída no Banco de Tecnologias Sociais da Fundação Banco do Brasil, a iniciativa ganha mais visibilidade, aporte financeiro e possibilidade de trabalhar em rede com outras iniciativas do gênero, em nível nacional.

Para complementar a ideia da relação existente com os movimentos que nascem da participação popular e das comunidades, Frank e Fuentes (1989) revelam que uma de suas 10

teses dos Movimentos Sociais aponta que a maioria deles, incluindo aí os de movimentos comunitários, não busca o poder estatal mas sim autonomia, inclusive ao próprio Estado, visto que o poder estatal negaria a própria essência e os propósitos da maioria dos movimentos sociais, que buscam o desenvolvimento de uma democracia mais participativa e de base e de uma autodeterminação de baixo pra cima, que possa dar distanciamento e autonomia ao movimento comunitário. Note-se que no caso do projeto 10Caminhos há autonomia de gestão, porém o projeto necessita de apoio de fundação de banco público e estreitar relação com órgãos de fiscalização e controle aduaneiro.

Troca de saberes como elemento propulsor do conhecimento

A discussão entre o saber local e o saber pretensamente universal – imposto pela globalização – está, de acordo com Marín (2009), baseado na opção teórica que implica igualmente assumir o desafio epistemológico do reconhecimento da existência de outras visões de mundo e de aceitar a validade de outros conhecimentos e de outras formas de construir conhecimentos.

Para o autor, “saber é poder”, e com essa sentença ele reforça que a globalização impõe que o domínio do saber tecnológico é determinante na possibilidade de resumir uma nova relação de dominação, seja em várias atividades humanas. Se levarmos em consideração que a construção da ciência e da tecnologia feita no mundo ocidental exclui a maioria das pessoas, em função do próprio processo de globalização, é fundamental que os conhecimentos produzidos pelas comunidades não venham a sucumbir aos interesses hegemônicos.

Milton Santos (2000) incrementa a discussão sobre a importância do desenvolvimento local, compreendendo que a pluralidade de interesses e conflitos presentes nos grupos sociais apontam para novas construções do que se entende por interesse comum e interesse público, pois, segundo ele, é a partir dos espaço geográfico que se dá a solidariedade orgânica. A respeito desse tema, ele pontua:

Trata-se, aqui, da produção local de uma integração solidária, obtida mediante solidariedades horizontais internas, cuja natureza é tanto econômica, social e cultural como propriamente geográfica. A sobrevivência do conjunto, não importa que os diversos agentes tenham interesses diferentes, depende desse exercício da solidariedade indispensável ao trabalho, e que gera a visibilidade do interesse comum. (SANTOS, 2000, p.100)

Aproveitando essa maneira de ver o mundo como oportunidade de inclusão, retorno aqui os conceitos de comunidade e sociedade apresentados por Martín-Barbero (2003), que relaciona o primeiro como uma unidade de pensamento e emoção, pela predominância dos laços estreitos e das relações de solidariedade, lealdade e identidade coletiva; já a sociedade, ao contrário, está caracterizada pela separação entre meios e fins, com predominância da razão manipulatória e ausência de relações identificatórias do grupo, com a prevalência do individualismo e a mera agregação passageira. Então, para o objeto em questão, as tecnologias sociais tendem a buscar esse conceito de comunidade para desenvolver-se, pois está mais associada às relações mais próximas entre as pessoas, em nível mais regional.

Os principais objetivos das tecnologias sociais são promover o desenvolvimento sustentável, pois são ideias criativas vindas do seio da comunidade e que proporcionam positivos impactos socioeconômicos para a sociedade e alto retorno para os envolvidos. Estão relacionadas à capacidade de empoderamento das representações sociais que se orientam pela defesa dos interesses da maioria, dentro do universo à qual pertence.

Mas para exercer a função de geradora de conhecimento para as comunidades, as tecnologias têm que ser acessíveis às pessoas envolvidas. Isso porque nem todos têm livre acesso aos benefícios das tecnologias convencionais devido ao alto custo de implantação e manutenção, o que provoca, às vezes, certa percepção de exclusão social e também de dependência cultural. Ao perceber esse possível distanciamento que as tecnologias convencionais proporcionam, as comunidades podem buscar alternativas para seu desenvolvimento, principalmente na troca de saberes, os quais podem auxiliar na consolidação de tecnologias sociais.

A globalização está fundamentada na ideologia neoliberal de fluxos independentes do mercado, não caracterizando uma atuação mais próxima ou direta do poder público, e geralmente busca a uniformização cultural, despertando conflitos e pondo em perigo a diversidade, sob seus vários aspectos, correndo o risco de que as culturas locais não encontrem espaço nas atividades sociais da comunidade que deseja buscar alternativas para o seu desenvolvimento. Para vencer ameaças a esse cenário de uniformização cultural tornam-se necessárias políticas públicas que ponham em prática a convergência digital a serviço do intercâmbio e a potencialização da diversidade cultural.

Para fazer contraponto a esse cenário de pensar o global e permitir focar no local, a partir dos saberes que dele provêm, podemos fazer uma associação das concepções entre os diferenciais das tecnologias convencionais das tecnologias sociais, levando em conta as concepções apresentadas por Dagnino (2004), que aponta características dessa última, a qual nos importa destacar: adaptação a pequenos produtores e de baixo poder de consumo; não haver relação padrão que distancie seus membros; orientada para o mercado interno; que possa estimular a criatividade do produtor local e que atue de forma libertadora do seu potencial; e que permita viabilizar os pequenos negócios, tornando-os autogestores (veja quadro 1).

Quadro 1: Características das tecnologias sociais (TS)

Como é (ou deveria ser) a TS?

- | | |
|---|--|
| - Adaptada a pequeno tamanho físico e financeiro; | - Libertadora do potencial e da criatividade do produtor direto; |
| - Não discriminatório (patrão x empregado); | - Capaz de viabilizar economicamente os empreendimentos autogestionários e as pequenas empresas. |
| - Orientada para o mercado interno de massa; | |

Fonte: (Dagnino, 2004, p.193)

Quadro 2: Diferenças entre tecnologia convencional (TC) e tecnologia social (TS)

O que faz a TC ser diferente da TS?

- | | |
|---|---|
| - A TC é fundamental para a empresa privada que, no capitalismo, é a responsável por “transformar” conhecimento em bens e serviços; | - As organizações e os profissionais que a concebem estão imersos no ambiente social e político que a legitima e demanda; |
| - Os governos dos países centrais apoiam seu desenvolvimento; | - Porque trazem consigo seus valores e, por isso, a reproduzem. |

Fonte: (Dagnino, 2004, p.195)

Foco no coletivo e novas regras de conectividade

Voltando ao conceito de comunicação, buscando conexões com ideia de desenvolvimento regional, Jenkins (2014) analisa as novas esferas de relacionamento e sentencia que “se algo não se propaga, está morto”. Para ele, a circulação de conteúdos na atualidade faz criar uma situação em que o termo distribuição está sendo substituído pelo de circulação, afirmando que essa mudança sinaliza um movimento na direção de um modelo mais participativo de cultura, em que o público não é mais visto como simplesmente como um grupo de consumidores de mensagens pré-construídas.

Ele também reflete que o poder de propagabilidade está associado à ideia de aderência, por isso é preciso ter a adesão da comunidade para que a proposta se fortaleça. Não é à toa que a Rede de Tecnologias Sociais (RTS) busca garantir aplicabilidade a boas ideias, estimulando a coletividade. Como resultado, esses atos de circulação ampliam a comunicação e relacionamento entre os participantes.

De acordo com Sodré (2014), para a que a comunicação como relação entre pessoas aconteça, é essencial que haja os seguintes elementos: comunidade, vinculação e comum. Desses, ele aponta que a comunidade é o centro vivente da comunicação, o espaço simbólico onde acontece a comunicação para além do código, “algo em que sempre estamos, na medida em que sempre nos comunicamos, no interior da distribuição dos lugares e das identificações constitutivas dos laços coesivos”.

Porém, é preciso buscar ideias e propostas alternativas para vencer a força do capital, ao qual dispõe de tecnologias avançadas e tem à disposição, no mercado, especialistas preparados para rápidas adequações às legislações vigentes, cujas informações não são sempre acessíveis para todos. Para o homem comum é primordial que trabalhe de forma colaborativa, buscando alternativas para driblar o atual contexto de crise nesse cenário neoliberal em que vários países da América Latina vivem atualmente.

Para auxiliar na análise da influência do cotidiano sob as relações sociais, Agnes Heller (2004) aponta que os processos de transformação dos grupos devem ocorrer na essência do sujeito, sob as bases das perspectivas histórica e social. Para ela, o cotidiano é a vida do homem inteiro assim como a vida cotidiana é a vida de todo homem. Dessa forma, torna-se necessária uma busca autêntica do sujeito por melhorias do contexto social e a busca do ambiente coletivo,

o que também pode ser alcançado com o apoio das tecnologias sociais, com base no compromisso coletivo e social, que podem cumprir com efeito positivo esse resultado.

Nesse contexto, as tecnologias sociais são consideradas um desafio para atuar nas comunidades que mais necessitam de seu aporte, pois os padrões tecnológicos excludentes criam desigualdades econômica e social. Essas tecnologias podem se tornar elementos de uma estratégia que se utiliza de seus mais importantes pilares de sustentação: o envolvimento das pessoas que adotam esse modelo e a sustentabilidade das soluções encontradas pelo grupo, utilizando como estratégia de apoio a comunicação para o seu melhor desenvolvimento e com expectativa de resultados satisfatórios para o coletivo.

Com ideias originais que nascem nas comunidades, que podem se transformar nas próprias tecnologias sociais, e com o aporte de trabalho em rede (estimulando o diálogo com outras comunidades que também compartilham de um cenário similar ou desafio social), as propostas ganham espaço para garantir melhores condições para o desenvolvimento dessas comunidades.

Ressalta-se aqui a questão de que o mais importante é o poder de reaplicação e não apenas de replicação dessas ideias inovadoras, visto que na maioria das vezes os cenários são distintos e que sempre é necessária uma adequação à realidade das comunidades envolvidas. Alternativas ao padrão de desenvolvimento no cenário neoliberal, que geralmente está focado em propostas de promover o capital sem perspectiva de desenvolvimento social, as tecnologia sociais – vindas da base, da tentativa do empoderamento local e do poder de coletividade – são alternativas viáveis para as comunidades, pois elas podem promover a troca de saberes e também o seu desenvolvimento sem abrir mão das suas características próprias que as tornam singulares, evitando assim a possibilidade de padronização pelo contexto socioeconômico dominante, percebido na maioria dos processos.

Um projeto que nasce de um descaminho e se transforma em novos caminhos

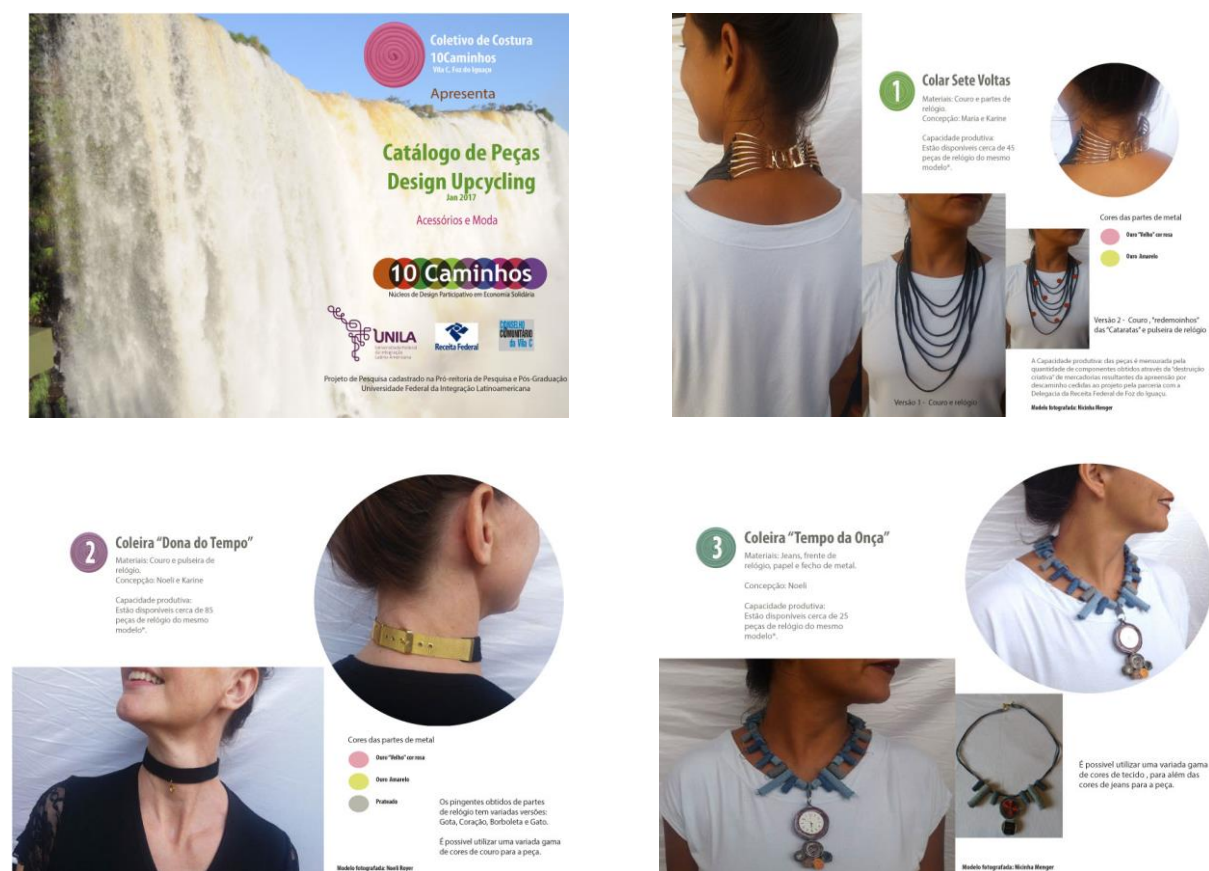
Conforme colocado anteriormente, trago neste artigo um exemplo prático de como as tecnologias sociais podem ser aplicadas na comunidade e como a academia científica pode apoiar o seu desenvolvimento, além do reconhecimento de representações locais e dos poderes formalmente constituídos. O projeto 10Caminhos é coordenado pela docente da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Karine Gomes Queiroz, no município de

Foz do Iguaçu (oeste do estado do Paraná), desde 2015. O projeto é realizado em parceria com o Conselho Comunitário do bairro Vila C e a base da Receita Federal instalada no município, na região da fronteira.

O objetivo do projeto de pesquisa e extensão, segundo a coordenadora, é transformar o resultado do descaminho – os produtos apreendidos pela Receita Federal – em novos caminhos, com a transformação de peças apreendidas em produtos de design em forma de bijuterias, permitindo a organização formal do trabalho coletivo para que o fruto dos esforços dos envolvidos se traduza em ocupação e renda para a comunidade.

“A condição para as doações feitas pela Receita Federal é a descaracterização dos produtos. Um relógio não pode ser vendido como relógio, tem que ser transformado. No coletivo 10Caminhos, esses produtos são base para pulseiras, colares, brincos”, informa a coordenadora do projeto em matéria publicada no site institucional da UNILA, no dia 08 de agosto de 2017.

Figura 1: Parte de catálogo de produtos divulgados no site do Banco de Tecnologias Sociais, da Fundação Banco do Brasil





A proposta é que a descaracterização do produto e sua transformação em outros gerem ocupação, renda e impostos que fiquem na cidade e o estímulo à economia local. “Saímos da relação vertical de caridade, para a de uma economia solidária, que é horizontal. O paradigma da economia social é o desperdício, o da economia solidária é a criatividade”, aponta a pesquisadora. No primeiro momento, oito costureiras do bairro participam do projeto, porém há a proposta de ampliar os núcleos, realizando novas ideias para integrar outros interessados.

Em 2017, o projeto recebeu certificação do Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologias Sociais, na categoria Economia Solidária. Essa é uma das etapas da premiação e que já garante a sua inclusão no Banco de Tecnologias Sociais da Fundação, dando a ele visibilidade. De acordo com a coordenadora, para o coletivo de mulheres que se reúne desde 2015 no Centro Comunitário da Vila C, esse é um passo importante para trocar saberes e informações porque permite a ampliação das atividades, por meio de parcerias com a iniciativa privada, e o recebimento de doações de parcela do imposto de renda devido por empresas e pessoas físicas.

Em carta enviada pelo Conselho Comunitário da Vila C ao Banco do Brasil Tecnologia Social Inovadora (disponível no site da Fundação), a representação comunitária se apresenta da seguinte forma:

O projeto 10caminhos atua desde 2015 assessorando a criação do coletivo de costura com artesãs e costureiras do bairro. Esse coletivo permite mostrar que a metodologia de criação criativa e que o foco em economia solidária permite que o projeto possa ser replicado. As participantes desse primeiro núcleo têm desenvolvido autonomia criativa, permitindo que o grupo se integre como liderança comunitária pela geração de trabalho, autoestima e renda. (<http://tecnologiasocial.fbb.org.br/tecnologiasocial/banco-de-tecnologias-sociais/pesquisar-tecnologias/detalhar-tecnologia-645.htm>)

O projeto apresentado é uma forma de entender como a produção científica pode auxiliar no desenvolvimento local, incentivando ideias inovadoras que são trabalhadas nas relações

autênticas dos meios sociais e que se propagam para o desenvolvimento sustentável das comunidades envolvidas. Trata-se de um exemplo de como a tecnologia social pode atuar como mola propulsora do desenvolvimento autêntico da população.

Considerações finais

As tecnologias sociais são uma alternativa para que projetos que surgem no seio das comunidades, provenientes dos interesses do cidadão comum, não venham a ser cooptados pelos interesses da globalização e dos efeitos que esta possa gerar à sua autenticidade e ao bem social. Ao expor as ideias de pensadores que lutam para uma melhor conexão com o local em relação ao global, há toda uma perspectiva de que o que vem da comunidade possa ter vez e voz, sendo as tecnologias sociais – como a apresentada pelo exemplo aplicado no projeto de pesquisa e extensão – uma prova da real possibilidade de atuação local e desenvolvimento regional, na região de fronteira.

Trouxe, nesse contexto, discussões sobre conceito de cultura de colaboração, propagabilidade, troca de saberes, o local em contraponto ao global como perspectivas que pudessem alinhar os conceitos de comunicação e buscando entender as tecnologias sociais para o desenvolvimento da comunidade local, como alternativa de superar o modelo de globalização vigente.

Um dos grandes desafios desse tipo de iniciativa é a troca de informações e saberes entre os projetos que compartilham desse mesmo ideal, pois a conectividade tem o potencial de torná-los mais fortes e competitivos frente aos mercados já consolidados. Dessa forma, traz a ideia de que uma tecnologia social pode ser confrontada com tantas outras tecnologias convencionais que o modelo capitalista apresenta, mas que não permite o desenvolvimento local que a primeira busca.

Referências Bibliográficas

DAGNINO, R. A tecnologia social e seus desafios. In: **Fundação Banco do Brasil: Tecnologia Social, uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro, 2014.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. BANCO DE TECNOLOGIAS SOCIAIS. (Site Institucional). Disponível em: <<http://tecnologiasocial.fbb.org.br/tecnologiasocial/banco-de-tecnologias-sociais/pesquisar-tecnologias/detalhar-tecnologia-645.htm>> Acessado em: 02 jun. 2018

FRANKL, André Gunder; FUENTES, Marta. Dez teses acerca dos movimentos sociais. In **Lua Nova**, n.17. São Paulo, jun, 1989.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

LASSANCE JR, Antonio; PEDREIRA, Juçara Santiago. Tecnologias sociais e políticas públicas. In: **Fundação Banco do Brasil: Tecnologia Social, uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro, 2014.

MARÍN, José. Interculturalidade e descolonização do saber: relações entre saber local e saber universal, no contexto da globalização. **Visão Global**, Joaçaba, v. 12, n. 2, p. 127- 154, jul./dez. 2009.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Comunicación y cultura mundo: nuevas dinámicas mundiales de lo cultural. **Revista Signo y Pensamiento**. V. 29, n. 57, 2010

_____. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

UNILA. **10Caminhos: Projeto usa criatividade como fator de desenvolvimento e renda para moradoras da Vila C**. Disponível em: < <https://www.unila.edu.br/noticias/10caminhos>>. Acessado em: 20 jun. 2018